

A económica na história

A Sociedade Humana é alicerçada nas relações de carácter económico entre os homens. Os pormenores da existência de cada indivíduo são por si só o documentário vivo da maneira como estão distribuídos entre os homens os misteres concernentes à produção dos bens económicos. O regime de produção da colectividade, complexo super-humano de todas as lutas particulares e colectivas pela existência, não só predomina no total dos afazeres humanos pela imponência espectacular das energias que consome, mas ainda por enclausurar nos seus movimentos tentaculares as restantes actividades humanas.

Tal como Icaro, em cujas asas de cera o Sol derreteu a esperança dos pés desamarrados da terra, só em sonhos o homem se pode julgar independente do mecanismo económico pelo qual a sociedade realiza a sua subsistência. Pode este ou aquele intelectual, refugiado das contingências diárias na concha impenetrável do seu idealismo, tecer com subtilidades um mundo imaginário. Pode qualquer homem, mais ou menos bafejado pela boa fortuna, pretender-se independente na confusão babilónica de interesses materiais divergentes. Mas desde o cigarro que se fuma ao livro que se compra, desde o pão que se come ao lápis com que se escreve, cada homem se liga aos outros homens por relações de carácter económico. Prisioneiro de si próprio, ao mesmo tempo pai e filho, senhor e escravo da sua actividade material produtora, todos os actos da sua vida revestem um conteúdo económico.

Não é todavia esta a asserção fundamental, nem ela na sua evidência flagrante poderia constituir motivo de discussões ou traço característico duma doutrina. O materialismo não se contenta com afirmar o significado económico dos actos humanos e acrescenta—eis a heresia!—que as transformações do regime de produção fazem a história da humanidade. Contra esta concepção das realidades têm protestado os sociólogos idealistas de todos os matizes e ainda contra ela se têm erguido a campainhas demagógicas mais irresponsáveis e o fervor espiritualíssimo dos bem colocados na vida.

Procuramos, no que segue, esclarecer o valor exato deste princípio ao mesmo tempo que examinamos as objecções fundamentais que ele levantou. Estas são sinteticamente as seguintes:

I) O materialismo subestima os factores ideológicos, esquecendo que «nem só de pão vive o homem»;

II) O materialismo paraliza a acção progressiva dos homens, fazendo-os orer no fatalismo das leis económicas e descrever na eficácia da sua vontade;

III) Consequência destes dois vícios doutrinários, os materialistas pretendem modificar as condições de vida dos homens sem primeiro os prepararem espiritualmente para essa modificação, immobilizando-os assim em formas rígidas que só artificialmente podem ser mantidas.

Duma maneira geral, estas objecções são filhas nuns casos duma doutrinação imperfeita e confusa que se tem feito destas coisas, noutros casos do simbolismo prestioso da frase feita...

Quando afirmam que a vida económica duma sociedade é o cadinho em que se forjam os destinos históricos dos seus componentes, o movimento histórico-dialéctico dessa sociedade, os materialistas, ao invés do que se lhes atribui, não desprezam as tendências morais e espirituais dos homens, a alma dos povos, como agentes da sua existência histórica. Sendo uma ideologia, o materialismo contém em si mesmo essas tendências; como todo o grande sistema de ideias que pretende explicar a vida e indicar o caminho a seguir, ele oferece-nos um estilo de pensamento e procedimento. Mas ao contrário dos idealistas, que se servem ou dizem servir-se, desses princípios como normas fixas (estes constituem para eles os alicerces das civilizações), os materialistas só normalizam as suas actividades pelas lições da experiência, pela objectiva observação da História e auto-crítica da sua própria prática.

«Política do estômago» lhe têm chamado intelectuais que as mais das vezes apenas se aventuram em terrenos virgens das suas pégadas de arroteadores críticos, ao sabor dos ventos que sopram a opinião pública. «Política do anti-estômago» lhe chamamos nós, pois ela é a única que se preocupa verdadeiramente em libertar os homens das preocupações do estômago, é assim a que melhor serve o florescimento cultural dos povos.

Sem ter a pretensão de que o mundo se refla como que pelo deitar de cartas da bruxa «Pensamento», a nossa atitude não tem menoscabimento das tendências ideais que animam os homens. Os que na sua boa fé assim o supõem estão enganados

pois ao dizermos que as relações económicas entre os homens determinam a sua existência histórica, afirmamos apenas que de entre todas as suas actividades são as de natureza material (as de natureza económica no caso da sociedade inteira) que predominam no jogo complexo em que todas se entrecrocaram, as que imprimem a orientação da resultante final desse jogo, as que entram com a parcela decisiva no total da soma dos seus elementos constructivos. Se assim não fosse não poderíamos interpretar convenientemente a acção proselitista dos homens, a influência das atitudes morais e mentais de uns sobre os outros e no devir comum. Cairíamos, em resumo, nesta situação: se os factos económicos, a actividade material produtora dos homens, constituem o único determinante da história, a simples acção das leis económicas decidirá de tudo e qualquer actividade da nossa parte será supérflua no caso de estar de acordo com a acção determinante dessas leis e será um quixotismo, perfeitamente inútil, toda a actividade contraditória com essa acção.

Nós, porém, não pensamos assim e dizemos que, ao contrário, a luta ideológica contribui imenso para o desenrolar dos acontecimentos. Mas então—arriscará triunfante o nosso bom idealista—como conciliar a afirmativa de que são as actividades materiais dos homens que determinam a sua história, com esta outra de que a sua actividade espiritual também contribui para essa mesma história? Em primeiro lugar, ao designar, como determinante, a actividade material, a orgânica económica da sociedade, não negamos a existência e a influência dos outros factores, apenas indicamos que das combinações e contradições de todos eles resulta um devir que nas suas linhas gerais está já implicado na acção das leis social-económicas.

Em segundo lugar, o factor económico não é homogéneo mas contraditório, complexo, heterogéneo. Assim são por sua vez contraditórias as suas influências e dentro dessas contradições fica espaço livre aos homens para retardar, executar melhor ou pior, as necessidades criadas pela sua economia no campo social. Se pudéssemos conceber que a humanidade, reunida em assembleia, escolhesse a seu belo prazer um plano para reorganização da sua vida e em seguida o executasse, então nós seríamos também idealistas. Se pudéssemos conceber a história do género humano como ininterrupta experimentação e debate de planos de vida antagónicos, não seríamos materialistas. Mas o velho rifão «o homem põe e o destino dispõe» encerra uma visão profunda das realidades se o interpretarmos no sentido histórico. Até agora não tem sido a vontade dos homens que preside à sua existência; na sociedade anárquica em que eles têm vivido a economia tem-lhes apertado o caminho entre as suas pontas fortes de tenaz—a tenaz das suas necessidades colectivas, a tenaz dos interesses criados pela sua maneira de satisfazer as necessidades colectivas.

Em terceiro lugar, as contradições das próprias relações económicas entre os homens forçarão estas a modificá-las, o determinado agirá sobre o determinante. E esta intervenção do homem na orgânica económica que o determina, longe de ser derivada do seu arbitrio ideológico, é antes motivada pelos próprios acontecimentos. «Contradição!—vão novamente gritar os idealistas. A acção do determinado sobre o determinante desmente a existência de qualquer determinismo. Se o homem é determinado pela sua actividade material produtora não pode determiná-la... ou a lógica é uma batata». Mas pobre lógica das entidades metafísicas imutáveis; nem sequer é necessário cortar o nó górdio. Os factos passam-se muito simplesmente: certas contradições económicas, que já como económicas são contradições entre os homens, abrem o caminho a esta ou àquela ideologia. A ideologia referida é por sua vez a solução das contradições que a motivaram. O «horível» absurdo é como se vê um ovo de Colombo.

A questão da importância da vontade humana no devir colectivo tem sido continuamente colocada em termos idealistas o que tem prejudicado a solução realista que se lhe deve dar. É costume perguntar-se se do alvedrio do homem depende ou não a sua caminhada na vida. Posto o problema desta forma perturbante para a consciência dos homens, os hesitantes não deixarão de sentir a influência da solução idealista que accorda à vontade do homem um papel decisivo na construção do amanhã comum. Desta solução derivam todas as mezinhas que têm como terapêutica fundamental a educação da vontade colectiva. E entretanto uma maneira tão falsa de colocar o problema não tem outra virtude (e são estas «virtudes» que tornam o idealismo tão caro a certas pes-

(Continua na página seguinte)